

Trabalho de Graduação  
Curso de Graduação em Geografia

A REGIONALIZAÇÃO DO DISCURSO DE JOÃO GUIMARÃES ROSA:  
A LINGUAGEM É A CARACTERIZAÇÃO DO HOMEM DO SERTÃO

Kátia Nones Herédia

Prof (a). Dr (a). Bernadete Aparecida Caprioglio Castro Oliveira

Rio Claro (SP)

2011

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
Instituto de Geociências e Ciências Exatas  
Campus de Rio Claro

KÁTIA NONES HERÉDIA

A REGIONALIZAÇÃO DO DISCURSO DE JOÃO  
GUIMARÃES ROSA: A LINGUAGEM E A  
CARACTERIZAÇÃO DO HOMEM DO SERTÃO

Trabalho de Graduação apresentado ao  
Instituto de Geociências e Ciências  
Exatas - Campus de Rio Claro, da  
Universidade Estadual Paulista Júlio de  
Mesquita Filho, para obtenção do grau de  
Bacharel em Geografia.

Rio Claro (SP)

2011

910h Herédia, Katia Nones  
H542r A regionalização do discurso de João Guimarães Rosa: a linguagem e a caracterização do homem do sertão / Katia Nones Herédia. - Rio Claro : [s.n.], 2011  
48 f. : il., fots.

Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Geografia)  
- Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas  
Orientador: Bernadete Aparecida Caprioglio Castro Oliveira

1. Geografia humana. 2. Espaço vivido. 3. Identidade cultural. 4. Patrimônio imaterial. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP  
Campus de Rio Claro/SP

KÁTIA NONES HERÉDIA

A REGIONALIZAÇÃO DO DISCURSO DE JOÃO  
GUIMARÃES ROSA: A LINGUAGEM E A  
CARACTERIZAÇÃO DO HOMEM DO SERTÃO

Trabalho de Graduação apresentado ao  
Instituto de Geociências e Ciências  
Exatas - Campus de Rio Claro, da  
Universidade Estadual Paulista Júlio de  
Mesquita Filho, para obtenção do grau de  
Bacharel em Geografia.

Comissão Examinadora

Prof (a). Dr (a). Bernadete Ap. C. C. Oliveira

Prof. Dr. Fadel David Antonio Filho

Prof. Dr. Paulo Roberto Teixeira de Godoy

Rio Claro, 1º de Novembro de 2011.

Kátia Nones Herédia

Prof (a). Dr (a). Bernadete Ap. C. C. Oliveira

## **Dedicatória**

*Dedico primeiramente a Deus por tudo que me proporciona na vida.*

*À minha mãe e meu pai, os quais amo muito, pelo exemplo de vida e família e pelas dificuldades as quais passamos e todas as experiências necessárias ao meu crescimento como ser humano. Ao meu primo que amo como irmão e que desejo sempre o melhor, principalmente que seja feliz.*

*Aos meus avós paternos (in memoriam) pela criação, amor e respeito, além de todos os ensinamentos ao longo dos anos. Ao meu avô paterno pelo choro de cada domingo na despedida do primeiro ano de universidade. Ao meu avô materno (in memoriam) pelos sorrisos e críticas, e principalmente por ter me feito chorar apenas após a graduação. A minha linda avó materna que agrega todas as forças e aquece o coração de todos os filhos, netos e bisnetos. Aos meus familiares pelo apoio e críticas inconscientes que me fizeram querer sempre mais. E aos meus amigos, grandes amigos, amigos de infância, juventude, de glórias e perdas, do dia-a-dia e do amanhã, pelo carinho, compreensão e companheirismo. E a vida que me mostrou caminhos e possibilidades.*

## **Agradecimentos**

Inicialmente, agradeço a Deus por meio dos meus pais, Maria de Fátima e Romualdo, pela minha vida, pela infância feliz, pelas dificuldades que nos fizeram crescer, pela paciência comigo e principalmente, pela confiança em meus estudos, sem a cobrança, e simplesmente pelo ato de amar e saber que o melhor foi realizado.

Ao Thierry, que desde que nasceu sempre fez e fará parte do quarteto.

Aos meus familiares, em especial a Vó Iza (*in memoriam*) e ao Vô Zé (*in memoriam*), ao Vô Cido (*in memoriam*) e a Vó Izaura, minhas tias Lala e Fia, e a todos os Nones e Herédia.

Um agradecimento especial aos meus colegas, professores e colaboradores da EMEI Carandá, da EEPG Prof. Delmira de Oliveira Lopes, da EEPSP Prof. Dilecta Geneviva Martinelli e da ETEPA – Escola Técnica Estadual Polivalente de Americana pelos melhores anos de estudo e aprendizado, pelos desafios e conquistas jamais idealizadas. Sou extremamente feliz.

Um beijo carinhoso as minhas amigas do coração e que não deixam o tempo apagar: Regi, você sempre estará em minha vida; Gabi, pelos mais de 20 anos de amizade e companheirismo; Dã, pelas confidências e pelo apoio incondicional; Fófis, pelo sorriso tímido em relação as palavras repletas de ensinamentos; Danizinha, pelos momentos que nunca se apagam; Bi Frizzarim, Bi Bassetto, Lu, Vi e a todos que tornaram a vida mais colorida.

Aos meus técnicos, professores de xadrez e basquete, um agradecimento pelas escolhas. Nada seria diferente, apenas foi muito melhor.

Um muito obrigada a todos os professores, alunos e técnicos do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) da UNESP, a todos do Departamento de Geografia, DEPLAN, CEAPLA, CEA, Pós-Graduação da Geografia e aos amigos na Seção de Graduação pelas dicas e conforto especial em cada atendimento, da mesma maneira que os da Biblioteca, segurança e limpeza do campus.

A todos os integrantes das reuniões do Departamento de Geografia de 2005 a 2007, a qual fui representante discente, pelo aprendizado e principalmente, pela excelente recepção aos discursos, em especial ao Prof. Dr. Antonio Carlos Tavares, por sua imparcialidade e sabedoria.

Um abraço generoso e confortante a minha primeira orientadora do TCC, Prof. “Sol” Guimarães por todas as conversas, “puxões” de orelha e principalmente a suas palavras de honestidade e persistência.

Uma reverência a minha orientadora, a Prof. “Berna”, que desde o primeiro ano de graduação demonstrou viver para o ensino, pela universidade e em função das pessoas, que me acolheu e suportou o ritmo de trabalho de sua “pequena” orientanda, que sempre tenha a humildade e sabedoria que encanta a todos.

Um abraço caloroso a todos os meus colegas de curso, e principalmente aos meus amigos de todos os momentos – Danú, acima de tudo uma grande amiga, irmã e “comadre”; Zé, desde o primeiro instante na recepção da universidade e em todos os almoços de domingo; Lê, pela capacidade de aprender e ensinar, e acima de tudo perdoar; a Gicoronga, pela simplicidade e sorriso de encarar a vida; a Tissa, pelos medos e por vencer barreiras; a Dreza, por me orientar nos últimos minutos e sempre ser a mesma “menina” amiga; a Lena, por ser amiga e sincera, mesmo distante.

A todos da ABU Rio Claro pelo conforto e recepção – não me esquecendo do “compadre” Fabiano Bargas pelo “feijão” de cada noite no primeiro ano da universidade.

Aos integrantes da Gestão UNITIVA (2005) do CAEGE pelos momentos de aprendizado – Layla, pela criatividade e força de uma amiga constante; Ivanzinho, pelas críticas, pelo amigo que é e principalmente pelos bolinhos (risos) e a todos os outros que fizeram meu segundo ano de universidade o mais diversificado.

A Gegê, por ser uma parte de mim, mesmo sem nos conhecermos e compartilharmos a vida, e mais ainda, por acreditar sempre em mim.

A todos os alunos e ex-alunos, professores e colaboradores do Cursinho Praxis pela experiência e oportunidade de fazer diferente e diferença. Aos amigos que conquistei, aos muitos que passaram, passarão e aos melhores que continuam em meus pensamentos – Thatá, Fah, Denão, Jaci, Tarta, Dri, Tetas, Ju, Ina, Cebola, Paulinha, Toba, Bob, Chico, Betinho, Digão, Cézinha, Daniiii, entre muitos.

As minhas companheiras de “casa, quarto e cozinha”, um obrigada pela satisfação de cada momento compartilhado, em especial a Miriam e sua pequena Alessandra, a Sol pelos jogos as quartas, a Julia e a Raquel pelas diversidades e a Fer por me ensinar a pensar sem os outros.

A “Mandachuva” em especial, pelos melhores anos da universidade e pelos ensinamentos que somente a amizade e um ombro podem oferecer – Sarinha, pelos anos de convivência e carinho; Gi, por dividir não somente o quarto, mas também seus sorrisos; Bocaína, pelas balas da sua mãe (risos) e por perpetuar o “Katita”; Hi, pela força em suas atitudes; a Jeca, por desmistificar o ser humano e me ensinar a amar mais e mais; a Flavinha, por compartilhar o

seu crescimento pessoal e a data de aniversário (risos); a Thaty, por amar sempre, por sorrir, me ligar e nunca esquecer que somos parte de um todo; a Fer, por ensinar que todos precisamos de um tempo certo; a Pucca, pelas dancinhas, sorrisos e gargalhadas de amiga; a Gra, por ser minha ex-aluna e compartilhar sua aprovação conosco; a Cy, também por ser ex-aluna, e enfrentar a todos por um sonho; a Paty, por me lembrar de que somos crianças, e as atuais e futuras “mandachuvenses” – no “beco da felicidade”.

A todos os colaboradores da Riven, por acreditarem que as coisas são sempre possíveis e que é necessário dedicar-se acima de tudo – Rudnei (e Gilza), pela satisfação de fazer sempre o melhor; Bruno (Vanessa), por confiar e querer mais; Raquel (e família), por conquistar, aos poucos, a confiança de algo muito maior; Anne, por ser simplesmente você; Jamile, por sorrir sempre, mesmo nos momentos mais tristes; a Má, por confiar em mim.

Um abraço gentil a todos que compartilham caminhos, seja no suco natural, ou no ombro amigo de todas as manhãs e finais de tarde, com portas fechadas, mas que se abrem com um sorriso e confiança.

Aos “Líderes” de amanhã, que me conquistaram e conquistam a cada terça e quinta da semana, tornando o ensino cada vez mais aprendizado. Obrigada pela honra de estar ao lado de todos vocês.

Ao Fabio (vulgo Chefe no meu celular), amigo acima de tudo, que tornou possível muitos acontecimentos especiais, por acreditar em mim, investir em meu potencial, por me ensinar a contemplar as coisas de maneira diferente e a criar cada vez mais, por me ligar de madrugada e propor as ideias mais loucas e de sucesso possíveis e impossíveis, sempre disposto a suportar minha ingratidão e dúvidas.

A todos os que valorizam meu trabalho, que compartilharam e que irão compartilhar momentos especiais, um agradecimento especial, já que fazem parte de minha história.

E a Guimarães Rosa por me inspirar com Sagarana.

*“Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende.”*

*João Guimarães Rosa*

*“Eu falo: português, alemão, francês, inglês, espanhol, italiano, esperanto, um pouco de russo; leio: sueco, holandês, latim e grego (mas com o dicionário agarrado); entendo alguns dialetos alemães; estudei a gramática: do húngaro, do árabe, do sânscrito, do lituano, do polonês, do tupi, do hebraico, do japonês, do checo, do finlandês, do dinamarquês; bisbilhotei um pouco a respeito de outras. Mas tudo mal. E acho que estudar o espírito e o mecanismo de outras línguas ajuda muito à compreensão mais profunda do idioma nacional. Principalmente, porém, estudando-se por divertimento, gosto e distração.”*

*João Guimarães Rosa, em revista concedida a uma prima no auge da carreira.*

## RESUMO

O presente trabalho busca analisar as influências regionais através da linguagem e da caracterização das personagens de João Guimarães Rosa no ambiente do Sertão Mineiro, salientando a importância da língua como patrimônio cultural. O estudo se baseia nas concepções de Cultura e Região defendidas pela Geografia Cultural, da Língua como patrimônio pelo IPHAN, em entrevistas e obras de Guimarães Rosa, além de publicações relacionadas às obras rosianas. Tendo a definição de lugar como “um centro de significados construído pela experiência” (TUAN, 1983), e de que a região passa a ser vista “com base no conjunto das percepções vividas e estabelecidas a partir de apreensões, valorações, decisões e comportamentos coletivos” (BEZZI, 2004), a pesquisa qualitativa apresenta fundamentos para a discussão da importância da comunicação e da transcrição da mesma. Através do estudo da linguagem, ações das personagens e do próprio autor, observa-se a criação do ambiente de estudo do comportamento, vivido e/ou imaginado na narrativa ficcional. Com base na análise bibliográfica têm-se como objetivo configurar o estudo de que a língua aliada ao comportamento de determinados indivíduos de um mesmo grupo apresentam uma identidade cultural sendo reconhecida e valorizada como patrimônio histórico-cultural.

Palavras-Chave: espaço vivido; identidade cultural; patrimônio imaterial.

## **ABSTRACT**

This study intends to analyze the regional influences for the language and the characterization of characters of the environment João Guimarães Rosa, stressing the important of language as cultural heritage. The study is based on the concepts of Culture and defended by Region of Cultural Geography, Language as an asset by Iphan, interviews and works of Rosa, and publications related to Rosa's works. Having the definition of place as "a center of meaning constructed by experience" (Tuan, 1983), and that the region is now seen "based on the set of perceptions and lived down from seizures, evaluations, decisions and behaviors collectives "(Bezzi, 2004), qualitative research provides grounds of the discussion it's importance of communication and the same transcript. Through the study of language, characters and actions of the author's own notes to create the environment for the study of behavior, lived and / or imagined in the stories. Based on the literature review has set itself the aim of the study of the language coupled with the behavior of certain individuals of the same group have a cultural identity is recognized and valued as historic and cultural heritage.

Keywords: lived space; cultural identity; immaterial heritage.

## SUMÁRIO

Introdução .....	12
A geografia literária dos sertões em Guimarães Rosa.....	13
Cultura, patrimônio imaterial, a região e o espaço vivido .....	17
Sobre a Cultura .....	17
Patrimônio Cultural Imaterial .....	20
A região e o espaço vivido .....	24
A linguagem e Rosa - Minas Gerais, sertão, bois vaqueiros e jagunços, o bem e o mal .....	27
O homem do sertão e sua terra: aspectos geográficos na obra rosiana .....	29
A linguagem do sertão pelas palavras de Guimarães Rosa.....	34
Considerações finais .....	40
Referências Bibliográficas .....	44

## Introdução

A Geografia como ciência ocupa a vida do Homem ao descrever suas ações sob o meio e as inter-relações existentes, transformando a vida em sociedade e modificando formas de percepções e pensamentos.

A Língua, tal qual uma das formas de comunicações, tanto entre os seres humanos, quanto em relação a outros seres vivos. Os murmúrios e sons diversos caracterizam possibilidades de busca pela compreensão e entendimento de si e do outro.

Pode-se dizer que a Língua possui uma Geografia ao ser mapeado ao longo do globo terrestre por meio de experiências do processo de colonização e descoberta de “novos mundos” ou mesmo esta ciência possui um vocabular peculiar.

A maioria dos brasileiros aprende a língua portuguesa com os seus familiares. Frequenta escolas regulares nas quais tem aulas de matemática, ciências e estudos sociais, ministradas em português. E cresce ouvindo falar da importância de estudar inglês e, se der tempo, também saber espanhol, mas que nesta outra língua é possível enrolar e falar *portunhol*. Ser brasileiro e falar português não são sinônimos.

Além do português, existem no Brasil diversas comunidades étnicas formadas por cidadãos que falam apenas a sua língua materna, aquela ensinada por seu grupo familiar. Ou que falam o português como segundo idioma, por necessidade de se comunicar com outros grupos. São comunidades indígenas, quilombolas e de descendentes de imigrantes. Juntas, somam 1,5 milhão de pessoas falando cerca de 200 línguas brasileiras, sendo 180 indígenas.

Diferentes povos com línguas diversas ou enraizadas, porém, que por meio de obras literárias são apresentadas a culturais distantes ou próximas, ou mesmo a políglotas. A língua apresentada por João Guimarães em suas obras representam a diversidade e a experiência de homem do mundo transferindo seus pensamentos, sua criatividade e cultura através do homem do sertão envolvido em seu próprio mundo e linguagem.

O trabalho será dividido em dois momentos distintos, mas não interligados um ao outro. Primeiro o enfoque é dado ao conceito de cultura, dando lugar a exposição a respeito da identificação entre o ser humano e meio, e o campo geográfico de exploração, ou seja, a corrente cultural e humanista. Entram em cena também nesta parte do estudo a explanação e aprofundamento do significado e amplitude do entendimento acerca do patrimônio imaterial e seus desdobramentos sociais e acadêmicos.

Num segundo momento da pesquisa o objetivo é ir de encontro à obra de Guimarães Rosa como plano de atenção de tudo o que foi tratado ao longo do texto, a saber: o patrimônio imaterial, a cultura, a geografia humanista, a linguagem, o espaço vivido do sertão e seus habitantes e a literatura regional. Por meio de análises pontuais do autor e sua obra é proposto o fechamento das ideias que se objetivam sanar ao fim do trabalho. Esta é uma prévia da forma como a argumentação da pesquisa está organizada ao longo de suas laudas, análises literárias e resultados.

### **A geografia literária dos sertões em Guimarães Rosa**

Apresenta-se a geografia da língua proposta pelo escritor, complexa e permeada pela oralidade que é reflexo de sua infância e vida adulta. A obra de Rosa destaca-se, sobretudo, pelas inovações de linguagem, sendo marcada pela influência de falares populares e regionais que, somados à erudição do autor, permitiu a criação de inúmeros vocábulos a partir de arcaísmos e palavras populares, invenções e intervenções semânticas e sintáticas.

Esta arte praticada pelo autor por meio das relações culturais A Arte e a Cultura são criadas pelos seres humanos, e são elas que influenciam, principalmente, o comportamento e os valores dos mesmos. Analisados através da fala e da escrita como forma de comunicação, observam-se diferentes percepções e concepções de mundo por parte dos homens.

A discussão e tentativa de compreensão das diversas formas de comunicações representam uma nova estrutura de obtenção de conhecimento através dos sentidos, das construções de perspectivas, opiniões, argumentos, ou simplesmente, o comportamento do homem.

As diferentes sociedades são caracterizadas por tais análises, relações de pensamentos e ações, tendo a Língua como representação maior da cultura presente em um grupo social. Sendo falada e/ou escrita, esta simboliza a variação de pensamentos e vivências.

De acordo com Mota (1961),

“Em vez de empecilho, a literatura é o caminho, e dos mais sedutores, para a Geografia. É a linguagem literária o instrumento essencial para comunicá-la. O geógrafo, seja qual for a sua especialidade, não cria fenômenos. Compete-lhe identificá-los.”  
(Mota, M. p.93, 2000).

A percepção dos indivíduos de determinado grupo baseia-se em estudos de comportamento, ação e reação, sendo necessário incluir a presença do espaço na vivência do ser. A ocupação do espaço por um grupo de pessoas representa o início da vida em sociedade, a tentativa de entendimento e classificação de situação. A criação de regras. A colocação de limites. A reunião de pontos convergentes.

Com base na Constituição Federal de 1988, “a língua portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil”, assim, a legislação então vigente não expressou a diversidade de culturas existentes no país e as variações regionais, expostas através da própria população.

Entretanto, através da observação do uso da palavra em diferentes regiões e situações, devido às constantes transformações da Língua, já que esta se modifica através do tempo, com novos vocábulos e inclusões de termos ligados a outros idiomas, no ano de 2000, houve a criação do Patrimônio Cultural Material e

Imaterial, estruturado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) na busca pela compreensão e preservação da Língua Portuguesa presente no Brasil.

Segundo Tuan (1983) a percepção dos indivíduos em uma sociedade moderna caracterizada pela mobilidade e a sensação de lugar, se torna complexa, pois, os lugares de importância estão em constante transformação; assim a memória e a vivência do lugar variam de acordo com a intensidade da experiência.

Neste caso, as obras de João Guimarães Rosa (1908-1967) possuem temáticas e personagens baseadas tanto no universo sertanejo de Minas Gerais, como na história brasileira e na mitologia greco-romana, onde há uma criação complexa da prosa - formada por três camadas sendo uma empírica, uma alegórico-histórica e outra mítico-simbólica - sem desvalorizar os aspectos literários das obras que apresentam a possibilidade de que tudo pode se tornar sertão, por fora e por dentro (RONCARI, 2004).

“Num país onde sempre existiu um abismo entre a norma culta da escrita e a língua falada, não foi fácil para parte da intelectualidade compreender (...) que Rosa se apoiava tanto no sertão quanto na biblioteca.” (RONCARI, 2004, p.25)

No campo literário, João Guimarães Rosa agregou a diversidade dos discursos em suas obras, alimentando-as com suas experiências e constantes estudos. A identidade das suas personagens, os espaços de realização das cenas, a caracterização da vida sertaneja são expostos através da cultura e paisagem geográficas.

O próprio Rosa descrevia o sertão como um conjunto de realidades, em que a Geografia se funde com as posições sociais e políticas, em que o psicológico, o irreal e a metafísica definem o sertanejo. O espaço descrito deixa de ser sertão e se transforma no mundo, no qual as mais diversas situações são possíveis. O homem se torna universal.

Muitos autores, inclusive Guimarães Rosa classificando o regionalismo presente como um regionalismo universalista. O sertanejo possui vida própria, ambiente, língua, cultura; entretanto, é a personagem de uma história que poderia ocorrer em qualquer lugar. O homem é sempre homem. O homem do sertão passa a ser “sertanejo”.

Em Sagarana (1945), ao longo dos contos, Rosa apresenta o “sertão mineiro”, a paisagem em toda a sua beleza selvagem, a vida das fazendas, dos vaqueiros e criadores de gado. A linguagem utilizada transpõe a linguagem rica e pitoresca do povo, registra regionalismos apenas observados em suas linhas.

A maioria dos contos desenrola-se numa região não especificada, mas identificável como o mundo da sua infância e da sua mocidade. Com construções sintáticas inovadoras, Guimarães fornece a base para a análise da cultura do sertanejo, através da língua, em que o cotidiano é apresentado nas descrições e diálogos.

“Em 1937, a saudade da terra levou Guimarães Rosa a escrever os contos de Sagarana, onde, com estilo vigoroso, apresenta a paisagem mineira em toda a sua beleza selvagem, a vida das fazendas, dos vaqueiros e dos criadores de gado – estórias de gente simples vividas ou imaginadas – o mundo em que passara a infância e a mocidade. Transpunha também, para o livro, a linguagem rica e pitoresca daquela gente, registrando regionalismos, muitos deles ainda não utilizados em literatura (p.xvi).” (PEREZ, 1981)

Para McDowell (1996, p.159), a Geografia Cultural se aproxima da obra de Rosa a partir da análise dos objetos do cotidiano, na representação da arte, nos estudos das paisagens e na construção social de identidades baseadas em lugares. Neste âmbito, a investigação da cultura material é ampla.

Entretanto, a língua como bem imaterial, apresenta uma mudança de ótica da investigação, pois os costumes, os significados, as concepções são atingidas a partir da oralidade transcrita pelo autor de Sagarana. São significados simbólicos que caracterizam um povo, um território, passíveis de interpretação. Contudo, a literatura

oferece o imaginário e as possibilidades de criação de pressupostos. As personagens são representações de pensamentos, ideias, e convivem com a herança histórica e geográfica.

É o indivíduo, o homem, a pessoa humana que em sua relação com o mundo constitui-se campo de análise. É com base na Geografia Humanista que o homem assume o papel de ser compreendido a partir da busca de suas motivações, escolhas individuais no espaço, no tempo, na sociedade. A relação do homem com suas ideias e concepções, demonstram a necessidade de exploração da percepção individual, e o trabalho em grupo, com a observação dos sistemas de valores, as preferências, as crenças.

## **Cultura, patrimônio imaterial, a região e o espaço vivido**

### **Sobre a Cultura**

A cultura nas palavras de Terry Eagleton (2005) é um dos conceitos mais complexos, dinâmicos e semanticamente diversificado dentre os existentes no plantel epistemológico das ciências sociais. Nesta interação entre práticas, valores, costumes, ritos e mitos, língua, e o modo de vida, e a visão de mundo em si é que está engendrada a totalidade canônica do verbete cultura, no âmbito social, popular, acadêmico e histórico (EAGLETON, 2005, p.54). De uma forma geral eis que:

...é difícil escapar à conclusão de que a palavra “cultura” é ao mesmo tempo ampla demais e restrita demais para que seja de muita utilidade. Seu significado antropológico abrange tudo, desde estilos de penteado e hábitos de bebida até como dirigir a palavra ao primo em segundo grau de seu marido, ao passo que o sentido estético da palavra inclui Igor Stravinsky não a ficção científica. (Eagleton, T. p. 51, 2005).

A própria evolução histórica do termo cultura gera controvérsias de cruzamentos temporais de simultaneidade ou não de surgimento, e/ou justaposição histórica no que diz respeito ao uso, difusão e importância idiomática da palavra em diferentes

sociedades e localidades ao longo do tempo. O antropólogo Roque de Barros Laraia (2003) por meio de um ensaio sintético sobre a cultura apresenta duas das principais origens deste verbete. Segundo Laraia os termos:

- 1) Culture - de origem anglo-saxã: incluía todas as crenças, arte, moral, rituais, mitologias, língua, códigos de conduta, costumes, e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelos indivíduos de um grupo social, dando continuidade histórica da totalidade cultural à qual pertence. Futuramente este termo foi inserido no campo de estudos geográficos voltados para as manifestações simbólicas e emocionais do ser humano no meio, como representantes há os geógrafos norte-americanos como Carl Sauer e Yu Fu Tuan.
- 2) Kultur – com raiz germânica carrega o significado filológico ligado aos aspectos espirituais e superestruturais de um povo. Em sua tradução literal para o português a uma descendência etimológica em palavras como patrimonial e aos artifícios educativos e informacionais de caráter concreto ou abstrato. Num sentido objetivo, a origem germânica estaria mais próxima do papel exercido pelas instituições e organizações de ensino, ou seja, a padronização da herança cultural de uma sociedade ao longo do tempo em conhecimentos e informações a serem repassadas para as novas gerações.

A partir destas duas raízes etimológicas da cultura e ainda englobando a influência do termo *civilization*<sup>1</sup> dos franceses, Laraia defende a ideia de que a cultura seria o conjunto das manifestações simbólicas inerentes a constituição de um povo enquanto tal. Isso significa que há para cada sociedade uma maneira de ver o mundo segundo suas ideias, modo de agir e características de compreensão e entendimento, formando assim a totalidade subjetiva de seu modo de vida no meio:

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as

---

<sup>1</sup> Para Roque de Barros Laraia *civilization* inicialmente compreende a denominação generalizada de toda e qualquer sociedade. No decorrer do século XVII e XVIII este termo passa a ser utilizado como forma de expressão da alta cultura europeia, daí o seu decaimento histórico quando mencionado nos infindáveis processos civilizatórios exercidos pelas potências europeias.

posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura. (Laraia, R. B. p. 68, 2001)

Nos dias atuais está difundida a ideia de identidade cultural. Esta definição está ligada ao movimento de resposta à globalização, ou seja, aos movimentos locais de afirmação das características simbólicas dos diversos grupos sociais existentes.

Como exemplo a esta nova onda do discurso contemporâneo nas ciências sociais disposto a superar as amarras epistemológicas da modernidade, há o sociólogo Stuart Hall (2006), segundo ele as identidades culturais evoluíram ao longo do tempo conforme iam se desenvolvendo os estados-nacionais, a repressão às minorias e também na presente discussão envolvendo o global e o local, tão frequente entre os pensadores em sua maioria autoproclamados pós-modernos.

O argumento que se coloca atualmente é a efemeridade e o caráter provisório, variável e de difícil distinção das identidades culturais fluídas na contemporaneidade. Nas palavras Hall (2006), temos o seguinte cenário:

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuidade deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (Hall, S. p. 13, 2006)

Temos então um panorama amplo de compreensão do tão complexo conceito de cultura e suas implicações no campo das ciências sociais. No que diz respeito ao

pensamento geográfico o uso deste termo tão rico encontrou lugar cativo de aprofundamento e aplicação em larga escala na corrente cultural-humanista.

Por meio de pesquisas teóricas, metodológicas e estudos de caso sobre representações sociais, observa-se cada vez mais um olhar voltado para a exploração temática presente em diversificados modos de manifestação de costumes e valores simbólicos em variadas escalas de foco, em escala nacional, regional e local (CORREA, 2005, p. 288-289).

### **Patrimônio Cultural Imaterial**

A totalidade simbólica, histórica e cultural de uma sociedade ultrapassa sua época e se estendem por fronteiras além de onde estão, agregando aspectos imensuráveis nas tradições, no folclore, nos saberes, nas línguas, nas festas e em diversos outros aspectos e manifestações, transmitidos oral ou gestualmente, recriados coletivamente e modificados ao longo do tempo. A essa porção intangível da herança cultural dos povos, dá-se o nome de patrimônio cultural imaterial.

No século XX o patrimônio cultural passou a se tratado além dos aspectos materiais, passando-se também os aspectos imateriais por existirem bens portadores de referência à memória e identidade cultural, porém, intangíveis.

No campo de políticas culturais, o decreto 3551, de 4 de agosto de 2000, abriu espaço para o reconhecimento, pelo Estado, como patrimônio cultural do Brasil, de bens de caráter processual e dinâmico “que têm como referência a continuidade histórica (...) e sua relevância nacional para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira.” (Art. 1º, Parágrafo 2º).

Para muitas pessoas, especialmente as minorias étnicas, grupos locais e os povos indígenas, o patrimônio imaterial é uma fonte inesgotável de identidade e carrega a sua própria história. A filosofia, os valores e formas de pensar refletidos nas línguas, tradições orais e diversas manifestações culturais constituem o fundamento da vida comunitária.

Num mundo de crescentes interações globais, a revitalização de culturas tradicionais e populares assegura a sobrevivência da diversidade de culturas dentro de cada comunidade, contribuindo para o alcance de um mundo plural.

Desta forma o patrimônio imaterial ou cultural, comporta uma gama imensa de objetos, fatos e ações. Ao fazermos um estudo sobre o livro Sagarana de Guimarães Rosa e também da totalidade de sua obra, percebe-se a assiduidade do autor perante os infinitos recursos retóricos, míticos, poéticos e literários que o sertão e seu vivente, o sertanejo propiciam ao escritor brasileiro.

Antes de se explorar a amplitude do que é a imaterialidade patrimonial, há de se saber o significado do que é patrimônio, ou seja, tudo o que é valorado de uma forma intangível pela subjetividade humana, tanto na esfera material como imaterial.

A valorização dos aspectos culturais e manifestações e representações simbólicas dos diferentes grupos humanos no mundo é o que forma o todo chamado pela UNESCO de *patrimônio cultural imaterial*. Por patrimônio entende-se a extensão de algo enquanto bem pertencente à alguém, o cultural vem dos costumes e o imaterial remete a idéia de intangibilidade do patrimônio em questão, em outras palavras a sua espiritualidade, seu caráter subjetivo e inalcançável de objetivamente.

Desde a sua criação em 1946 até os dias atuais a UNESCO busca por meio de seu discurso e ações pregar a igualdade de riqueza cultura em todo o mundo, contrariando todos os acontecimentos de fissões societárias e deterministas que perduraram no decorrer do período turbulento das grandes guerras mundiais. Em 2003 na Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial foi estabelecida a seguinte definição:

Entende-se por “patrimônio cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial que se transmite de

geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. (UNESCO, p.3, 2003)

O entendimento da importância cultural, imaterial e subjetiva das manifestações sócio-culturais do ser humano alastrou-se desta forma em vários países do mundo. A incorporação de instrumentos reguladores e definidores do aparato cultural, histórico, artístico, linguístico e imaterial passaram a ter prioridade nacional.

No Brasil este movimento de reconhecimento da cultura para a sociedade ocorreu já em 1937 com a criação do *Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* (Sphan) que posteriormente passaria por uma remodelação e receberia o atual nome *Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* (Iphan).

Por meio do artigo 216 da Constituição Federal de 1988 ficou estabelecida a seguinte normativa sobre o patrimônio cultural imaterial do Brasil:

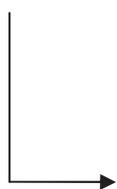
Artigo 216 - Constitui patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I. as formas de expressão; II. os modos de criar, fazer e viver; III. as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV. as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico - culturais; V. os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (Constituição Brasileira, p. 170-171, 2011)

Outras leis e decretos foram promulgados e sancionados, com a finalidade de ajustar e aperfeiçoar o alcance real da agilidade, discurso, recursos, e eficácia técnica dos órgãos públicos responsáveis pelo patrimônio cultural brasileiro.

As principais ações do IPHAN segundo seu estatuto regulador pode ser resumida em linhas gerais:

- Identificação, mapeamento e inventário de bens culturais de natureza imaterial, especialmente por meio da metodologia do INRC – Inventário Nacional de Referências Culturais;
- Busca reconhecer expressões culturais como Patrimônio Cultural do Brasil através do Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial;
- Elaboração de Planos de Salvaguarda dos bens culturais imateriais registrados e de outras ações de fomento, regulação, manutenção e apoio às condições de produção e reprodução de manifestações culturais por meio do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial – PNPI. Em sua totalidade os órgãos governamentais responsáveis por tais funções em âmbito nacional, regional e local são:

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional;



DPA: Departamento de Planejamento e Administração;

DPI: Departamento de Patrimônio Imaterial;

DEPAM: Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização;

DAF: Departamento de Articulação de Fomento;

Superintendências Estaduais e Unidades Especiais.

No Brasil atualmente existem vários documentos compilatórios cuja principal função é fomentar órgãos institucionais e organizacionais voltados para manutenção, ordenamento, reconhecimento, proteção e difusão social da cultura brasileira em todas as suas formas de manifestação em território nacional (CASTRO& FONSECA, 2008 p. 11-12).

## **A região e o espaço vivido**

Quando se trabalha com os aspectos culturais da sociedade, é preciso ter em mãos um arcabouço teórico discursivo e metodológico para lidar com as demandas advindas de tal empreitada. Sobre a geografia cultural que é a principal responsável por esta área em especial, na totalidade dos estudos geográficos alguns conceitos são de suma importância para seu desenvolvimento e possibilidade de análise dos infindáveis campos de aplicação da postura humanista sobre o espaço.

O geógrafo Ruy Moreira (2008) elabora uma proposição onde constam os conceitos-chave da ciência geográfica. Estes conceitos-chave, também chamados pelo autor de categorias, seriam responsáveis pelo percurso metodológico, do pensamento geográfico, são eles: o espaço propriamente dito; o território e a paisagem. São nas palavras de Moreira os princípios lógicos da Geografia. (MOREIRA, 2008, p.117)

Percebe-se que a região não se encontra como sendo considerada uma categoria, seu posicionamento é estabelecido como uma categoria de categoria, ou seja, está inserida no cânone territorial ao lado do conceito de lugar e rede.

Este entendimento de região dado por Moreira é passível de entendimento quando visualizamos outros pensadores que tratam de questões paralelas ou similares. Neste caso podemos lembrar-nos das colocações da filósofa Marilena Chauí (2000) ao afirmar que o território é e nunca deixará de ser o elemento primordial de identificação de um povo no meio em que vive.

O conceito de território segundo Chauí está ligado ao seu papel como elemento fundador de uma nação, dando a esta última suas delimitações simbólicas e culturais que as fará se identificar consigo mesma internamente e diferenciar-se de outras no âmbito externo (CHAUÍ, 2000, p.14-15).

Desta forma, a região é o recorte geográfico utilizado em diferentes escalas, com o intuito de estabelecer limites analíticos para o trabalho dos geógrafos envolvidos em determinadas estudos em diversas áreas de concentração e especialização.

Para Roberto Lobato Correa os conceitos de região e paisagem<sup>2</sup> estão próximos, pois todos representam a ideia representativa de uma dada porção do espaço geográfico. Este aspecto categórico da região, vigente em toda a história do pensamento geográfico fez com que o mesmo por vezes se encontra em ampla posição de contradição dependendo do círculo em que estava presente, ou nos meios aos quais era utilizado, como por exemplo, a dicotômica relação entre o determinismo geográfico germânico e o possibilismo francês, e as multiplicidades aplicativas do método regional (CORREA, 1986, p. 27). Nas palavras de Correa temos então que:

A região geográfica abrange uma paisagem e sua extensão territorial, onde se entrelaçam de modo harmonioso componentes humanos e natureza. [...] A região geográfica assim concebida é considerada uma entidade concreta, palpável, um dado com vida, supondo, portanto uma evolução e um estágio de equilíbrio. [...] No processo de reconhecimento, descrição e explicação dessa unidade concreta, o geógrafo evidenciava a individualidade da região, sua personalidade, sua singularidade, aquela combinação de fenômenos naturais e humanos que não se repetiria. (Correa, R. L.p.28-29, 1986).

Por conclusão podemos então sintetizar que a região pertence à gama conceitual do primeiro escalão epistemológico geográfico, não só por sua aplicabilidade técnica e teórica, mas também por sua importância histórica no estudo das sociedades humanas e sua relação com o meio ao longo do tempo.

A proximidade com outros conceitos geográficos como paisagem, território e lugar apenas justifica ainda mais o seu papel balizados no que diz respeito às medidas escalares de análise presente nos diversos estudos geográficos, e em especial naqueles voltados para os aspectos culturais, subjetivos e imateriais do homem,

---

<sup>2</sup> Nota-se que autor buscar a origem etimológica dos termos referindo-se aos radicais franceses (*paysage* – pequena região homogênea) e germânicos (*landschaft* – extensão territorial), para justificar sua teoria de proximidade epistemológica de ambos os conceitos dentro do arcabouço teórico da geografia. In: CORREA, R. L. **Região e Organização Espacial**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

caso este presente no presente trabalho voltado para a geografia literária presente na obra de João Guimarães Rosa.

O que Guimarães Rosa inova em sua linguagem e rico conhecimento regional do sertão de Minas Gerais é a passagem do protagonismo não só para as personagens dos diversos contos que escreveu. Em suas histórias, o próprio ambiente si, a paisagem, o espaço em circundante toma lugar de destaque na trama. Este é o espaço vivido pelo sertanejo, a paisagem simbólica das vivências por ele realizadas. Como destaca Bezerra e Heidemann (2006) ao explorar o conto sobre o *Morro da Garça* de Rosa:

Chegar por meio da literatura, buscando um morro que é personagem de um conto, de uma história inventada, ou nascer ali: visões diferentes, fortes, emocionantes, que geram amizades, projetos e brincadeiras. E o morro que nos encanta, que vemos da janela da nossa casa sertaneja é o mesmo que vêem os vizinhos morrogarcenses? Sabemos que não, que a paisagem é dentro de nós, enquadrada por nosso olhar particular, por nossa memória individual, por mais coletiva que possa ser. (Bezerra, M. C. & Heidemann, D. p. 15, 2006)

O espaço vivido e habitado pelo homem é por ele carregado de sentido e incrustado de significações, que vão muito além da sua materialidade primária sujeita a percepção imediata dos sentidos. Em geografia se trata desta temática fazendo-se uso do conceito de lugar e sua extensão epistemológica nos campos referentes aos estudos relacionados à cultura imaterial.

Na geografia cultura e humanista há a valorização do lugar e da paisagem – no primeiro caso o âmbito imaginário e no segundo o campo imagético das manifestações simbólicas – considera-se o espaço vivido como sendo o *lugar*, este ocupando o papel de principal conceito de análise da geografia cultural.

Yu Fu Tuan (1983) ao lugar como sendo o *espaço mítico*, aquele ao qual o homem irá depositar o aparato imagético/simbólico e imaginário de sua subjetividade. Neste sentido, o espaço vivido é a extensão cultural de um indivíduo e/ou sociedade:

O espaço mítico é um constructo intelectual. Pode ser sofisticado. O espaço mítico é também uma resposta do sentimento e da imaginação às necessidades humanas fundamentais. Difere dos espaços concebidos pragmática e cientificamente no sentido que ignora a lógica da exclusão e da contradição. (Tuan, Y. F. p.112, 1983)

Como definição final ao conceito de espaço vivido, lugar ou espaço mítico podem delimitar suas fronteiras epistemológicas na tangência que irrompe o limite entre o lógico e o mítico. Ao se considerar a cultura, o imaterial e o subjetivo, as normativas retóricas do discurso técnico-científico se excluem da possibilidade de considerar a gama imensurável de transposição de suas regras e ordenações.

### **A linguagem e Rosa - Minas Gerais, sertão, bois vaqueiros e jagunços, o bem e o mal**

Toda e qualquer sociedade é caracteriza por uma linguagem específica, representada através da língua oral e escrita, sendo modificada também, através das diferentes influências sociais e culturais.

Na obra “Sagarana” de João Guimarães Rosa, a Geografia se funde com a Literatura através de um olhar sob o Sertão, analisando as paisagens, as populações, as relações existentes, em que a Língua é a representação máxima da Cultura do sertanejo.

*Sagarana* promove uma total renovação do regionalismo brasileiro. Quando o livro foi publicado, promoveu outro tipo de aproveitamento da linguagem regional. Guimarães Rosa trás uma complexidade maior para essa representação regional. Ele vai mais além, unindo o idioma brasileiro com a matriz europeia, o que pode ser

observado no próprio título da obra, Sagarana, que vem de "SAGA", radical de origem germânica, que significa "canto heróico", e "RANA", língua indígena, que significa "à maneira de".

Repletos de histórias dentro de histórias, de digressões filosóficas e de monólogos interiores que desvendam o universo dos homens, dos bichos, os contos de Sagarana nos permitem uma espécie de ritual de iniciação, ao longo da leitura.

Esta iniciação ocorre se conseguirmos compreendê-los em sua simbologia, na cosmovisão alógica, mágica, mítica e poética que humaniza em sentido profundo os protagonistas - aparentemente apenas sertanejos dos Gerais - e universaliza o sertão.

O Homem é o representante do espaço em que vive, e ao mesmo tempo agente transformador, seja do ambiente, seja da geração de arte e cultura. A partir da obra de Rosa, observa-se que o autor se posiciona no uso da língua por meio da experiência pessoal incluindo a infância e os diferentes biótipos de pessoas transferidos a características das personagens.

Com base em Sauer (2003),

“A geografia cultural se interessa, portanto, pelas obras humanas que se inscrevem na superfície terrestre e imprimem uma expressão característica. A área cultural constitui assim um conjunto de formas interdependentes e se diferencia funcionalmente de outras áreas (Sauer, C. p.23, 2003)”.

No que se refere à Geografia Cultural, a noção de cultura considera não indivíduos isolados ou quaisquer características pessoais que possam possuir, mas comunidades de pessoas ocupando um espaço determinado, amplo e geralmente contínuo, além das numerosas características de crença e comportamento comuns aos membros de tais comunidades. (WAGNER; MIKESELL, 2003, p.28)

De acordo com características comuns verificáveis, e também um meio para classificar áreas de acordo com os grupos humanos que as ocupam, observa-se um conceito de cultura para grupos bem definidos, que resulta da capacidade dos seres humanos de se comunicarem entre si por meio de símbolos. (WAGNER; MIKESELL, 2003, p.28)

### **O homem do sertão e sua terra: aspectos geográficos na obra rosiana**

A partir do deslocamento dos que compartilham determinada cultura, esta é difundida, pois, se encontra em uma base geográfica, em que a comunicação é realizada entre pessoas que ocupam uma área comum (WAGNER; MIKESELL, 2003, p.29)

Porém, a língua escrita, meio essencial da comunicação humana e componente crucial de qualquer cultura, apresenta a exposição de cultura de diferentes sociedades sem a necessidade de experiência do espaço/ambiente a que se refere. Em suas obras, e especificamente, Sagarana, Rosa apresenta uma linguagem diferenciada, que representa o espaço descrito, o Sertão, e todos os seus homens.

De acordo com Arruda (2000), o sertão é o "local aonde a civilização não chegou", quanto mais ao oeste, mais seria o sertão; para outros, dizer sertão simboliza um local sem chuvas, seco; já entre os historiadores, por vezes é um conceito rejeitado, por dar ao termo um sentido pejorativo de local abandonado, sem ordem e sem leis.

“A gente do sertão, os homens de meus livros, (...) vivem sem consciência do pecado original; portanto, não sabem o que é o bem e o que é o mal. Em sua inocência, cometem tudo o que nós chamamos “crimes”, mas que para eles não o são. (...) No sertão, cada homem pode se encontrar ou se perder. As duas coisas são possíveis. Como critério, ele tem apenas sua inteligência e sua capacidade de adivinhar, nada mais. E assim se explica também aquele provérbio sertanejo que à primeira vista parece outro paradoxo, mas que expressa uma verdade muito simples: o diabo

não existe, por isso ele é tão forte. Às vezes não se encontram as palavras que se está sentindo dentro de si mesmo (93-94).” (João Guimarães Rosa, 1973. In: *Diálogo com Guimarães Rosa*)

A cultura atribui significado a tudo, desde sons vocais deliberadamente articulados até seres, objetos e lugares. A atribuição de significados, inerente à cultura, orienta a ação (quer vista como simbólica ou utilitária) e resulta, desse modo, em expressões concretas como sistemas de crença, instituições sociais e bens materiais (WAGNER; MIKESELL, 2003, p.29)

“As vacas e os cavalos são seres maravilhosos. (...) Quem lida com eles aprende muito para sua vida e a vida dos outros. Isto pode surpreendê-lo, mas sou meio vaqueiro, e como você também é algo parecido com isto, aprenderá certamente o que quero dizer. Quando alguém me narra algum acontecimento trágico, digo-lhe apenas isto: “Se olhares nos olhos de um cavalo, verás muito da tristeza do mundo!”Eu queria que o mundo fosse habitado apenas por vaqueiros. Então tudo andaria melhor (p.67-68).” (João Guimarães Rosa, 1973. In: *Diálogo com Guimarães Rosa*).

Após esta apresentação da perícia descritiva presentes na forma literária de expressão de Rosa, por meio das personagens componentes do universo do sertão foram selecionados algumas figuras que refletem bem esta argúcia discursiva, no modo de expressão nos contos de Sagarana em diversos outros trabalhos de Guimarães Rosa.

A linguagem é a forma de expressão da projeção imagética da subjetividade na paisagem. A atribuição de significado ao que está ao redor é uma característica indissociável do homem no ambiente em que este vive. A valoração simbólica, mítica e histórica dá ao lugar status de núcleo de identificação dos seus habitantes com o a totalidade cultural que os rodeia e da qual fazem parte.

A paisagem fornece os elementos culturais humanos e inanimados que fomentam a criatividade do escritor. O lugar cativo, a identidade territorial e a sobreposição das

vivências dão todos os componentes que juntos formarão a forma de expressão literária que tentará de certa forma manifestar a riqueza destes mundos em contos, histórias e aventuras.



Figura 1 – Guimarães Rosa no Norte de Minas Gerais  
Fonte: Banco de Imagens Yahoo.com



Figura 2 – Sertanejos em Minas Gerais  
Fonte: Banco de Imagens Yahoo.com

Figura 3 – Pintura em tela Sertão de Minas Gerais  
Fonte: Banco de Imagens Bing.com

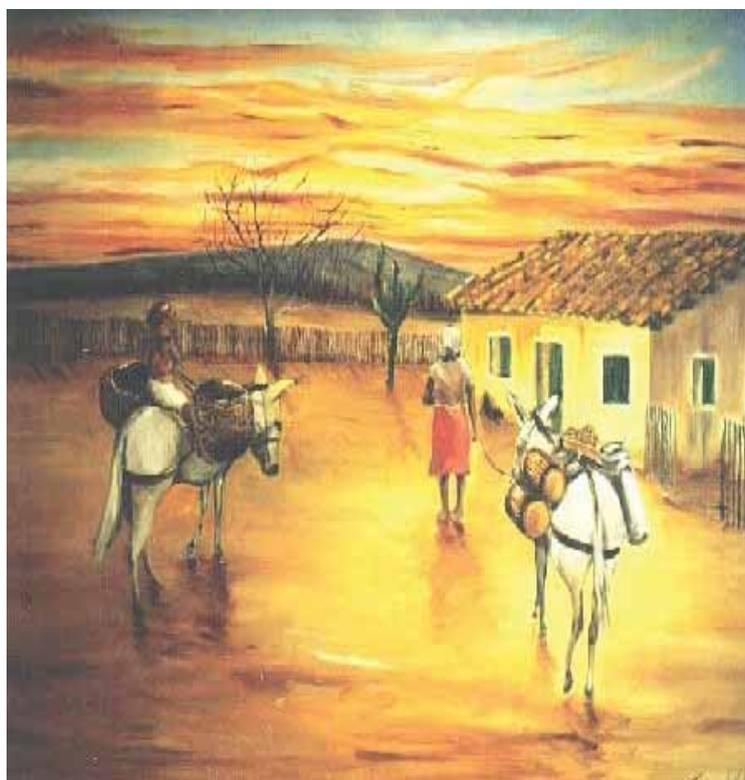




Figura 4 – Trecho de Rally dos Sertões em MG e BA  
Fonte: Banco de Imagens Bing.com

As imagens do sertão são o ponto de demanda para a elaboração das histórias e contos de Rosa, nas imagens abaixo podemos observar alguns exemplos em desenhos e fotografias:



Figura 5 – Gravura *A vida no Sertão* de V. Borges  
Fonte: literaturadecordel.com

Esta atribuição de significância pela cultura aos aspectos concretos e abstratos que fazem parte da totalidade do mundo humano, sendo muito bem trabalhada pela filósofa Marilena Chauí (2000) quando esta explana a respeito das manifestações simbólicas incrustadas nos saberes, dizeres, artefatos e experiências que compõem o cotidiano e a vida das sociedades como um todo.

Nas figuras 1 e 2 o próprio autor de Sagarana aparece em sua área core de desenvolvimento literário: o sertão e seus habitantes.

Nas imagens representadas pelas Figuras 3, 4 e 5 podemos observar a dinâmica temporal e espacial contida na noção de região - apresentação e interpretação de uma paisagem cultural, no caso o sertão mineiro amplamente retratado por Guimarães Rosa em suas múltiplas significações: paisagem, cotidiano e imaginário.

O sertão como todas as demais paisagens existentes no mundo contemporâneo passou e continua passando por intensas transformações de ordem social, cultural e principalmente econômica. Em seus vastos terrenos de brandas planícies e extenso serrado, hoje em dia é habitada pelos meios de produção do agronegócio, e apesar de o sertanejo retratado por Guimarães Rosa ainda estar lá, muitas mudanças ocorreram.

Isto é o que fica claro nos depoimentos recolhidos e expostos por Brandão nos cenários que um dia serviram de inspiração para as histórias de Rosa (2006):

“[...] Vocês não vão achar sertão mais de maneira nenhuma!... Aqui mesmo aonde a gente foi, que eles estava querendo fazer aquele seriado: Grande sertão: veredas, aqui tinha fazenda velha; acabou tudo. Tinha muita casa aqui, mas está do jeito que você está vendo: o eucalipto acabou com tudo! Fazendas velhas assim, com casas antigas? Região aqui eu não conheço, não. Mais mesmo é lá pro lado da Mata, da Zona da Mata: Guanhães... esses lados todos têm mais do que pra cá. [Aqui] não tem mais fazenda de formato velho. (Brandão, C. R. p. 38, 2006)

E num outro momento fica ainda mais clara pelos relatos a dualidade entre o antigo e contemporâneo. Na visão dos sertanejos é perceptível a constatação destas diferenças:

“Ele aponta a direção de uma vereda com água e buritis ao longe, mas já seco, perto] Essa é uma vereda mais da Companhia. Lá em baixo tem um aguão danado, ali, ó. Isso aqui é uma areião, uma coisa horrorosa. Eles plantaram a soja aqui. Plantou milho, plantou feijão, tudo quanto há, e deu muito. Mas quando tavam arando o terreno, você passava aí e via tratores espalhados aí, adubando o terreno. Você via aquela nuvem de fumaça baixa espalhando. O trator que carregava o adubo pra espalhar... Isso aqui onde nós vamos entrar, aqui agora, aqui, teve um grande plantio de soja. Mas grande demais... Isso aqui foi tudo soja. Depois que eles plantaram, tiraram uma fortuna aqui. Eles fizeram repartição aqui e plantaram soja. E aqui há pouco tempo tinha um número muito grande... Tinha muito gado aqui”. (Brandão, C. R. p. 39 – 40, 2006)

Por meio das imagens e dos relatos, duas vertentes ficam visíveis e passíveis de análise. Primeiro, o cenário do sertão e a figura do sertanejo ainda são pujantes, e numa outra perspectiva não há lugar onde os movimentos econômicos da contemporaneidade não tenham ao menos se interessados em explorar os recursos e potencialidades. E por vezes ficando seus rastros, como no caso da soja, e a vinda da “fortuna” juntamente com o plantio destes grãos do discurso progressista em antigas propriedades locais.

Numa comparação das figuras bicolores de um passado distante (1 e 2) com as vivas cores de um motociclista com uma casa de pau a pique ao fundo formam o atual mosaico de realidade temporais e paisagísticas desta região do Brasil.

### **A linguagem do sertão pelas palavras de Guimarães Rosa**

Rosa assume em suas obras a linguagem pertencente ao homem do sertão, como ele mesmo aprendeu na infância a “fabular”, o que torna os textos e personagens

característicos e prontos a serem desvendados. Cada palavra e cada gesto apresentam a cultura do sertanejo.

“(...) nós, os homens do sertão, somos fabulistas por natureza. Esta no nosso sangue narrar estórias; já no berço recebemos esse dom para toda a vida. Desde pequenos, estamos constantemente escutando as narrativas multicoloridas dos velhos, os contos e lendas, e também nos criamos em um mundo que às vezes pode se assemelhar a uma lenda cruel. Deste modo a gente se habitua, e narra estórias corre por nossas veias e penetra em nosso corpo, em nossa alma, porque o sertão é a alma de seus homens (p.69).” (João Guimarães Rosa, 1973. In: *Diálogo com Guimarães Rosa*).

A Linguística e a Antropologia cultural afirmam que não há uma língua ou cultura superiores; cada cultura, cada língua possui uma lógica própria, e uma não pode ser julgada pela outra (BITTENCOURT; LOPES, 2008, p.95).

A linguagem apresentada por Rosa, os romances são contos em que se unem a ficção poética e a realidade. Guimarães apresenta a linguagem do “mineiro (...) secado por seu país e seu sol, [e que] fica resistente como carne seca”, e que ao conhecer pessoas idosas, as dignificava diante do conhecimento acumulado, aprendendo a transmitir “os causos” do “mundo do sertão”.

“(...) Escrevo, e creio que este é o meu aparelho de controle: o idioma português, tal como o usamos no Brasil; entretanto, no fundo, enquanto vou escrevendo, eu traduzo, extraio de muitos outros idiomas. Disso resultam meus livros, escritos em um idioma próprio, meu, e pode-se deduzir daí que não me submeto à tirania da gramática e dos dicionários dos outros. A gramática e a chamada filologia ciência linguística, foram inventadas pelos inimigos da poesia (p.70-71).” (João Guimarães Rosa, 1973. In: *Diálogo com Guimarães Rosa*).

Para Guimarães Rosa, “Pode-se conhecer facilmente o caráter de um homem pela relação que ele mantém com o idioma. (...) O caráter do homem é seu estilo, sua linguagem (p.78).” (João Guimarães Rosa, 1973. In: *Diálogo com Guimarães Rosa*)

Através das obras de Rosa, pode-se compreender que,

“(...) há dois componentes de igual importância em minha relação com a língua. Primeiro: considero a língua como meu elemento metafísico, o que sem dúvida tem suas consequências. Depois, existem as ilimitadas singularidades filológicas, digamos, de nossas variantes latino-americanas do português e do espanhol, nas quais também existem fundamentalmente muitos processos de origem metafísica, muitas coisas irracionais, muito que não se pode compreender com a razão pura. (...) nosso português-brasileiro é uma língua mais rica, inclusive metafisicamente, que o português falado na Europa. E além de tudo, tem a vantagem de que seu desenvolvimento ainda não se deteve; ainda não está saturado (p.80-81).” (João Guimarães Rosa, 1973. In: *Diálogo com Guimarães Rosa*).

Tendo a linguagem e a vida como uma coisa só, o espelho da personalidade, João salienta que,

“Quem não fizer do idioma o espelho de sua personalidade não vive; e como a vida é uma corrente contínua, a linguagem também deve evoluir constantemente. (...) A língua e eu somos um casal de amantes que juntos procriam apaixonadamente, mas a quem até hoje foi negada a bênção eclesiástica e científica. Entretanto, como sou sertanejo, a falta de tais formalidades não me preocupa. Minha amante é mais importante para mim” (p.83).” (João Guimarães Rosa, 1973. In: *Diálogo com Guimarães Rosa*).

A língua é uma forma de luta por direitos, por manifestação de opiniões, e mesmo diante da amplitude do mundo, no qual as pessoas são instruídas a dominar mais que um idioma, “Cada língua guarda em si uma verdade interior que não pode ser

traduzida. Minha língua (...) é a arma com a qual defendo a dignidade do homem (p.87).” (João Guimarães Rosa, 1973. In: *Diálogo com Guimarães Rosa*)<sup>3</sup>.

Rosa diz que, “(...) a palavra em si contém uma definição que tem valor para nós, para nosso caráter, nossa maneira de pensar, de viver e de sentir: “brasilidade” é talvez um sentir-pensar.” (p.91). E completa,

“(...) Para compreender a “brasilidade” é importante antes de tudo aprender a reconhecer que a sabedoria é algo distinto de lógica. A sabedoria é saber e prudência que nascem do coração. Minhas personagens, que são sempre um pouco de mim mesmo, um pouco muito, não devem ser, não podem ser intelectuais pois isso diminuiria sua humanidade (p.91-92).” (João Guimarães Rosa, 1973. In: *Diálogo com Guimarães Rosa*)

Guimarães assume ao longo de Sagarana uma linguagem permeada pela gramática básica, a chamada gramática do sertão, conseqüentemente, assume uma visão de mundo baseada nesta língua, criando um símbolo.

Da mesma maneira com que Rosa se utiliza de grandes pensadores em suas linhas, ao trabalhar esta linguagem a denomina como revolucionária, seguindo o ideal de que “não há literatura revolucionária sem forma revolucionária” (Maiakovski).

Sagarana reúne nove contos nos quais estão presentes os temas básicos de João Guimarães Rosa: a aventura, a morte, os animais com “vozes” de seres humanos, as reflexões subjetivas e espiritualistas.

O narrador dos contos de Sagarana muitas vezes caracteriza como folclóricas as histórias que conta, inserindo nelas quadrinhas populares e dando-lhes um tom épico e/ou de histórias de fada. Os recursos discursivos do autor vão desde a

---

<sup>3</sup> A língua conforme já lembrado anteriormente é um dos componentes fundamentais e essenciais para a formação de um povo, sua identificação mútua e sua peculiaridade cultural. De fato a língua é um dos pilares do modo de ser de uma sociedade.

utilização de um tom quase biográfico e narrativo, chegando por vezes ao típico conto recheado de elementos fantásticos e teor fabular, valorizando saberes e costumes típicos da região em que as experiências das personagens ocorrem.

Já em *Os Sertões* (1902) de Euclides da Cunha, o autor é considerado como quem escreve baseado em suas experiências e diversas visões, como,

“(...) elabora uma síntese das três leituras, apresentando esse espaço como paraíso, inferno e purgatório, dependendo dos diversos pontos de vista revelados durante a narrativa: o do viajante observador da natureza; o do soldado que enfrenta a aridez e as agruras de uma terra desconhecida e inóspita; e finalmente o ponto de vista do sertanejo, para quem o sertão pode ser paraíso, quando floresce depois das chuvas, quando o acolhe e protege de seus inimigos, ou pode ser também purgatório, no qual ele se prepara para uma vida melhor no reino de Deus (p.5-6)”. (Rivânia Maria Trotta Sant’Ana, s/d).

Em *O quinze* (1930) e outras obras, Raquel de Queiroz imprime o caráter regional a seus textos, relacionando sua escrita à terra nordestina e buscando no sertão a inspiração para construir cenários, enredos e personagens que povoam o imaginário de seu povo, resgatando a cultura nordestina em todos os gêneros contextuais, inclusive com sua visão feminina.

“Nos romances, o sertão é ponto de saída e de chegada de seus personagens, especialmente as personagens femininas, que são as que sempre protagonizam sua ficção e fazem aquele movimento de ir e vir do (para) o sertão, copiando, de certa forma, o mesmo movimento da autora, alertando para a necessidade constante de estar no sertão, o apego à terra e às tradições já identificado pela simbologia incrustada no nome de sua fazenda: “Não me deixes” (p.1)”. (Laile Ribeiro de Abreu, Raquel de Queiroz e sua escrita sertaneja, s/d).

Diante disso, Jorge Amado revela-se um homem culto, um escritor com sensibilidade aguçada, um crítico que procurava denunciar os problemas sociais que norteavam a sociedade de sua época, despreocupando-se com o rigor formal da linguagem literária, trazendo a oralidade para suas páginas.

"... em verdade jamais me afastar da Bahia, pois a conduzia mundo afora, fosse no coração amante de meu chão de nascimento, fosse nas páginas dos livros que no correr do tempo fui escrevendo e publicando, neles recriando a vida baiana, nos cenários das matas de cacau, dos talhos do sertão de beatos e cangaceiros e nas ruas, becos e ladeiras de Salvador. (p.31)" (Amado, p. 1961).

O ambiente sertanejo retratado por João Guimarães Rosa e Graciliano Ramos em obras literárias é marcado por influências otimista e pessimista, respectivamente, frente às experiências de cada um deles. Em uma leitura comparativa entre as suas obras, constatam-se as diferentes visões desses dois autores, a respeito do sertão e do homem sertanejo. O que implica dizer que será dada uma atenção especial às relações culturais de cada um dos autores citados, assim como suas dependências culturais, como forma de repensar a identidade que permeia suas obras. Nesse contexto, cria-se um intercâmbio de idéias com base nas diferenças contextuais, caracterizando o lugar do discurso autoral.

Ambos os autores escreveram obras, tendo como cenário o sertão, porém percebe-se claramente que as abordagens dadas por eles a este espaço é diferente. Graciliano Ramos, ao escrever, utilizando o sertão como cenário, sugere a seus leitores um ambiente extremamente austero, que faz daqueles aí vivem pessoas sofridas e esmagadas pela seca, e que seca a água, eliminando a possibilidade de trabalho e alimento para os sertanejos.

"Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas (p.9)". (RAMOS, 2003).

O sofrimento, causado pela realidade do sertão a Ramos, é mostrado em sua obra *Vidas Secas* (2003). Um certo sentimento de rejeição que viria do contato do homem com a natureza ou com ele mesmo, a partir de um realismo crítico apresentado pelo autor. Isso se explica quando tomamos conhecimento da experiência desse no sertão. Seus pais se casaram e mudaram para uma fazenda em Pernambuco. Mas, ainda criança, Graciliano Ramos viu o gado de sua família morrer de fome e sede em virtude da seca que assolava a região. Diante das dificuldades encontradas, a família abandonou a terra sertaneja e forma para uma vila próxima.

“Pouco a pouco uma vida nova, ainda confusa, se foi esboçando. Acomodar-se-iam num sítio pequeno, o que parecia difícil a Fabiano, criado solto no mato. [...] Mudar-se-iam depois para uma cidade, e os meninos freqüentariam escolas, seriam diferentes deles. [...] E andavam para o sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. [...] O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, sinhá Vitória e os dois meninos (p.127-128).” (RAMOS, 2003)

### **Considerações finais**

Como dispõe os artigos 215 e 216 da Constituição Federal de 1988 a pessoa humana tem garantido o direito à cultura. Esta, por sua vez, integra a identidade, ação e memória do povo brasileiro.

As legislações nacionais e internacionais sobre o tema são recentes e visam assegurar o Direito à Cultura, sua proteção, preservação e fruição, e tutelar o bem ambiental que é patrimônio cultural imaterial, imprescindível percepção da própria existência humana, o seu estilo de vida, costumes, tradições e outros.

A UNESCO, a partir de 1972 iniciou um trabalho em função da proteção do patrimônio mundial, cultural e natural, sendo que, após 1989, houve a liberação de um documento conhecido como *Recomendação para a Salvaguarda da Cultura*

*Tradicional e do Folclore*, além de um trabalho de valorização de Tesouros Humanos Vivos, Línguas em Perigo no Mundo e Música Tradicional.

Em 1999, dando continuidade ao processo de valorização, criou-se uma distinção internacional intitulada "*Proclamação das Obras Primas do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade*", para distinguir os exemplos mais notáveis de espaços culturais ou formas de expressão popular e tradicional tais como as línguas, a literatura oral, a música, a dança, os jogos, a mitologia, rituais, costumes, artesanato, arquitetura e outras artes, bem como formas tradicionais de comunicação e informação.

A Convenção de 2003 tem por objetivos: *a) A salvaguarda do patrimônio cultural imaterial; b) O respeito pelo patrimônio cultural imaterial das comunidades, dos grupos e dos indivíduos em causa; c) A sensibilização, a nível local, nacional e internacional, para a importância do patrimônio cultural imaterial e do seu reconhecimento mútuo.*

Para a UNESCO, considera-se *patrimônio cultural imaterial* as práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões – bem como os instrumentos, objetos, artefatos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, os grupos e, sendo o caso, os indivíduos reconheçam como fazendo parte integrante do seu patrimônio cultural. O patrimônio cultural imaterial manifesta-se nos seguintes domínios: *a) Tradições e expressões orais, incluindo a língua como vetor do patrimônio cultural imaterial; b) Artes do espetáculo; c) Práticas sociais, rituais e eventos festivos; d) Conhecimentos e práticas relacionados com a natureza; e) Aptidões ligadas ao artesanato tradicional.*

A proteção e a preservação do patrimônio cultural imaterial traz tudo àquilo que tem significado, valor para as sociedades, passando-se da visão material para o imaterial, onde observamos a ligação intrínseca entre este bem ambiental e a sociedade. Tudo isso depende da integração da coletividade e do Poder Público, ultrapassando as políticas públicas culturais e observando a relação deste bem

como formador da identidade e memória nacional, e, portanto indissociável de seu povo.

Igualmente, os fatores sociais e econômicos geram reflexos sobre os bens culturais e vice e versa, sendo necessário o cuidado para a manutenção do equilíbrio deste meio ambiente em que vivemos (integração do natural, cultural e artificial).

A língua, a linguagem e as derivações idiomáticas inerentes às duas primeiras. Quando a filósofa Marilena Chauí (2000) elaboras as diretrizes caracterizadores dos aspectos culturais e simbólicos para a formação de uma nação, fica claro que a língua não só possui papel de destaque como normalmente é a partir dela que existe a possibilidade de agrupamento e chega ao consenso de convívio e elaboração das formas arcaicas de organizações e instituições.

A própria língua pode ser considerada um patrimônio cultural imaterial, inicialmente pelo seu caráter intangível que é a condição primeira para enquadramento como parte constituinte dos pilares de estruturação de uma nação. Por se tratar de um bem histórico, cultural e criado e recriado pela criatividade humana ao longo do tempo a língua por si só é uma entidade dinâmica em sua essência. Como destaca José Reginaldo Santos Gonçalves:

“Afinal, os seres humanos usam seus símbolos sobretudo para agir, e não somente para se comunicar. O patrimônio é usado não apenas para simbolizar, representar ou comunicar: é bom para agir. Essa categoria faz a mediação entre seres humanos e divindades, entre mortos e vivos, entre passado e presente, entre o céu e a terra e entre outras oposições. Não existe apenas para representar ideias e valores abstratos e para ser contemplado. O patrimônio, de certo modo, constrói, forma as pessoas.” (Gonçalves J. R. S. p.27, 2003)

João Guimarães Rosa em sua ampla visão no quesito linguístico explora, expande horizontes, experimenta novas possibilidades e dá o merecido lugar de destaque à cultura popular do Brasil. Geograficamente em sentido humanístico e cultural, o território brasileiro detém um cenário amplíssimo para aprofundamento em diversas

áreas do saber e a língua é um modo de representação simbólica da sociedade, dando ainda mais valorização cultural ao lugar.

Guimarães Rosa é, em conclusão, o criador de uma obra em que elementos da cultura popular e elementos da cultura erudita se mesclam para reinventar a força da linguagem sertaneja e mineira. Conhecedor de pelo menos dezoito idiomas, ao lado das palavras que traz do vocabulário sertanejo há várias construções importadas do latim, do francês, do inglês e do alemão em seus livros. Poucos como ele têm a capacidade de reunir a erudição das reflexões filosóficas à transposição do imaginário popular, sem menosprezar as primeiras, e simplificando o segundo.

A heterogeneidade de manifestações culturais vivenciada entre diferentes grupos sociais apresenta-se como patrimônio que deve ser preservada para os presentes e futuras. O patrimônio cultural imaterial deve ser entendido como bem coletivo na sociedade atual. Estendendo-se além das fronteiras normativas e legais que definem patrimônio, e das políticas públicas que os retém, esta é a defesa exposta neste trabalho.

E com base nestas explanações e informações apresentadas ao longo da pesquisa o papel do Programa Nacional de Proteção ao Patrimônio Cultural Imaterial figura num lugar de destaque, pois tem dentre os seus objetivos: os planos de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial, através da implantação de inventários e registros de bens culturais, do mesmo modo o desenvolvimento de mecanismos de sustentabilidade socioeconômico e cultural das comunidades que são detentoras dos conhecimentos tradicionais.

## Referências Bibliográficas

ABREU, Laile Ribeiro de. **Rachel de Queiroz e sua escrita sertaneja**. UFMG, s/d.

ARRUDA, G. **Cidades e Sertões: entre história e a memória**. EDUSC. Bauru. 2000.

BEZERRA, M. C. & HEIDEMANN, D. Dossiê Guimarães Rosa: "Viajar pelo sertão roseano é antes de tudo uma descoberta!" In: **Estudos Avançados**. vol.20 N ° 58. São Paulo, Set./Dec. 2006.

BEZZI, M. L. **Região: Uma (Re) Visão Historiográfica – da Gênese aos Novos Paradigmas**. Editora UFSM. Santa Maria, 2004.

BITTENCOURT, P. V., LOPES, P. C. **João Guimarães Rosa**. Editora Expressão Popular. São Paulo. 2008.

BOLLE, W. **Grandesertão.br**. Duas Cidades São Paulo. 2004.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. Cultrix. São Paulo. 1994.

BRANDÃO, C. R. Dossiê Guimarães Rosa: Travessias do grande sertão. In: **Estudos Avançados**. vol.20 N ° 58, São Paulo, Set./Dec. 2006.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. 2ªEd. Imprensa Oficial: Jun. 2011 (Artigo 216, p. 170-171).

CÂNDIDO, Antônio. **Graciliano Ramos**. Agir. Rio de Janeiro. 1996.

CASTRO, M. L. V. & FONSECA, M. C. L. **Patrimônio imaterial no Brasil**. Brasília: UNESCO, Educarte, 2008.

CHAUÍ, M. **Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária**. 1ª ed. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2000. (Coleção História do Povo Brasileiro).

CORREA, R. L. **Região e Organização Espacial**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

CÔRREA, R. L., ROSENDAHL, Z. (Org.) **Introdução à Geografia Cultural**. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro. 2003.

EAGLETON T. **A ideia de cultura**. Trad. Castello S. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

FUNARI, P. P. A.; PELEGRINI, S. de C. A. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 2006.

FRÉMONT, A. **A Região, Espaço Vivido**. Livraria Almedina. Coimbra. 1980.

GOFF, J. Le. **História e Memória**. UNICAMP. Campinas, 2003.

GOMES, P. C. **Geografia e modernidade**. Bertrand. Rio de Janeiro. 1996.

GONÇALVES, J. R. S. – “O patrimônio como categoria de pensamento” in CHAGAS, Mário e ABREU, Regina. - “Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos”. Rio de Janeiro. DP&A. 2003.

GUIMARÃES ROSA, J. **Sagarana**, Editora Nova Fronteira S.A. São Paulo, 1991.

HALL. S. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 11ª Ed. Trad. Tomaz T. Silva & Guarcia L. Louro. Rio de Janeiro: Editora DP & A, 2006.

IPHAN. **Programa Nacional do Patrimônio Imaterial**. Departamento do Patrimônio Imaterial. Brasília [s.d.].

LANCIANI, G. (org.). **João Guimarães Rosa. Il che delle cose**. Roma: Bulzoni, 2000.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. 16ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LEONEL, T. O patrimônio cultural imaterial como bem ambiental. **Revista Brasileira de Direito Ambiental**. v. 1. Fiuza. São Paulo, 2005

LIMA, S. M. van D. **Canto e plumagem de sagarana**. Guimarães Rosa du sertão et du monde. Plural Pluriel, nº 4-5, Automne-Hiver 2009.

LORENZ, G., ROSA, J. G. **Diálogo com Guimarães Rosa**. In: **Diálogo com a América Latina**. Trad. Rosemarâ Costhek Abílio. Ed. Pedagógica Universitária. São Paulo. 1973. (Repr. de Mundo Nuevo. Buenos Aires, mar.1970)

LOWENTHAL, D. **Geografia, Experiência e Imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica**. In: Perspectivas da Geografia. DIFEL. São Paulo. 1976.

MARIANI, A. A memória popular no registro do patrimônio. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Arte e Cultura Popular**. IPHAN. Brasília, 1999. n.º 28, p. 156-173.

MCDOWELL, L. **A transformação da Geografia Cultural**. In: GREGORY, D. et alii. (Org.) Geografia Humana: Sociedade, Espaço e Ciência Social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Patrimônio Imaterial: O Registro do Patrimônio Imaterial: Dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial**. Instituto Nacional do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Brasília, 2003.

MOTA, M. **Geografia Literária**. Ministério da Educação e Cultura. Instituto Nacional do Livro. Rio de Janeiro. 1961.

MOREIRA, R. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MOURA, F. **Nonada e outras invenções**. Veja. 6 de junho de 2001, p. 162–163.

PEREZ, R. **Nota bibliográfica**. In: **Primeiras Estórias**. João Guimarães Rosa. Livraria José Olympio Editora. Volume nº 90. Rio de Janeiro. 1981.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. Record. Rio de Janeiro. 2006.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. Record. São Paulo. 2003.

REISEWITZ, L. **Direito Ambiental e Patrimônio Cultural: direito à preservação da memória, ação e identidade do povo brasileiro**. Juarez de Oliveira. São Paulo, 2004.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. Companhia das Letras. São Paulo, 2004.

RÓNAI, P. **Introdução**. In: **Primeiras Estórias**. João Guimarães Rosa. Livraria José Olympio Editora. Volume nº 90. Rio de Janeiro. 1981.

RONCARI, L. **O Brasil de Rosa: mito e história no universo rosiano: o amor e o poder**. Editora UNESP. São Paulo. 2004.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Nova Fronteira. Rio de Janeiro: 2006.

SANT'ANA, R. M. T. **TERRA IGNOTA: os sentidos da palavra “sertão” em Os sertões, de Euclides da Cunha**. UFOP, s/d.

SAUER, C. O. **Geografia Cultural**. In: **Introdução à Geografia Cultural**. Roberto Lobato Corrêa. Zeny Rosendahl (Org.) Bertrand Brasil. Rio de Janeiro. 2003.

TORRES, M. C. **Le défi de traduire Guimarães Rosa**. Guimarães Rosa du sertão et du monde. Plural Pluriel, nº 4-5, Automne-Hiver 2009.

TUAN, Y. **Espaço e Lugar a perspectiva da experiência**. DIFEL. São Paulo. 1983.

UNESCO. **Conferência para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. In: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Paris: Out, 2003.

WAGNER, P. L., MIKESELL, M. W. **Os Temas da Geografia Cultural**. In: **Introdução à Geografia Cultural**. Roberto Lobato Corrêa. Zeny Rosendahl (Org.) Bertrand Brasil. Rio de Janeiro. 2003.

WILLER, C. **Guimarães Rosa e “Sagarana”**. in **Sagarana –João Guimarães Rosa**. Ed. Nova Fronteira S.A.. São Paulo, 1991, p. 321– 330.

#### **Sites consultados:**

[www.academia.org.br](http://www.academia.org.br) – Consultado em 15 de Novembro de 2011 às 15h

[www.bing.com.br/images](http://www.bing.com.br/images) - Consultado em 20 de abril de 2011 às 14h

[www.iphan.gov.br](http://www.iphan.gov.br) – Consultado em 30 de abril de 2011 às 10h

[www.literaturadecordel.com](http://www.literaturadecordel.com) – Consultado em 02 de maio de 2011 às 13h

[www.yahoo.com/images](http://www.yahoo.com/images) - Consultado em 28 de abril de 2011 às 11h